|Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.3, n.1,p. 346-355,2017. CAp UFPE|

Conversas sem fim: contação de histórias e dança como espaços de educação e resistência no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Endless talks: storytelling and dance as spaces of education and resistance at the Laboratory School of Federal University of Rio de Janeiro

Daniele Lopes dos Santos[1].

Resumo
O presente relato pretende compartilhar com o leitor algumas ações realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP-UFRJ), a partir do evento acadêmico "Conversas sem fim: Contação de histórias – espaços de educação e resistência" organizado pelo setor de Artes Cênicas desta instituição no ano de 2017. Dedica-se especial atenção às reflexões sobre o corpo e suas expressões dentro do contexto escolar, considerado como espaço para diálogos profícuos no que diz respeito à formação de professores, em se tratando de um colégio de aplicação.

Palavras-chave: Corpo. Contação de histórias. Dança. Educação Básica.

Abstract
The present report intends to share with the reader some actions taken at the Laboratory School of the Federal University of Rio de Janeiro (CAP-UFRJ) since the academic event "Endless Talks: Storytelling- spaces of education and resistance" organized by the Performing Arts department of the same institution in 2017. It particularly focus on the reflections about the body and its expressions within the school context considered as a space for profitable dialogues regarding teacher training in the case of a laboratory school.

Keywords: Body. Storytelling. Dance. Basic Education.

1. O conto dos contos

As narrativas orais estão presentes na vida humana desde tempos imemoriais. Durante muitos anos, foram de fundamental importância para a manutenção dos saberes e da cultura de diversas sociedades. No continente africano, por exemplo, algumas sociedades, como as

[1] Daniele Santos é Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO; Especialista em Arte, Cultura e Sociedade no Brasil, e Bacharel em Artes Cênicas com habilitação em Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Atua como professora de Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro- CAP/UFRJ. Relato de experiência.E-mail: umadiretriz@gmail.com

localizadas no Saara e ao sul do deserto, foram fundadas sob a tradição oral, e se mantiveram fiéis a ela mesmo com a popularização dos textos escritos.

Com o passar do tempo, os processos de colonização ocorridos na África trouxeram diversos representantes das sociedades orais para o Brasil, dentre eles os *griots* e os *griotes* (contadores de histórias), que contribuíram enormemente para a cultura oral e a literatura brasileiras.

Em seu livro intitulado "Literatura Infantil Brasileira", Leonardo Arroyo, em diálogo com diversos estudiosos do período colonial brasileiro, faz alguns registros de como a figura do contador de histórias africano se estabelece no Brasil. Arroyo faz referência ao antropólogo Nina Rodrigues, que, durante longo período de tempo, teve como foco de suas pesquisas os últimos sobreviventes do tráfico negreiro na Bahia:

> Vemos, desde logo, a sobrevivência, entre nós, de alguns elementos tradicionais da cultura africana, que possuía contistas profissionais, contadores de estórias. Eram eles o Akorin, narrador de tradições nacionais entre os nagôs; o Akpalô , cuja função era a de criar a estória ou conto; o Alô etc, conforme o notável estudo de A. Ellis sobre os povos africanos. Estes narradores profissionais que seriam uma transformação, no tempo e no espaço, dos velhos isopetes, que transmitiram estórias do oriente para o ocidente, sobreviveram em diversas regiões brasileiras ao tempo do Brasil Colônia, regiões em que as condições culturais e econômicas eram mais favoráveis. Mas que se espraiaram por todas as zonas culturais do país, em cidades e campos, sobrevivendo na memorialística de nossos escritores, de nossos romancistas (RODRIGUES, 1945 apud ARROYO, 2011, p.48-49).

Os griots e griotes africanos, portanto, após a travessia oceânica, como observou Arroyo:

> teriam subsistido no Brasil, na pessoa de velhos negros e negras, predominantemente as negras velhas, que só sabiam contar estórias (...) por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas, principalmente de bichos – bichos confraternizando com as pessoas, falando com gente, casando-se, banqueteando-se acrescentaram-se às portuguesas (ARROYO, 2011, p.44).

De fato, muitos de nossos memorialistas citam, em seus estudos, negros e negras como velhas contadores de histórias que embalaram as suas infâncias com músicas e enredos de fadas, príncipes e princesas, bruxas, mouras-tortas, sacis, lobisomens etc. Ainda segundo Arroyo (2011, p.58), as figuras desses negros e negras "demonstra à larga a permanência de narradores africanos no Brasil – os akpalô kpatista, os ologbo, os griotes, os dialis." E foram essas figuras, em muitos casos, que influenciaram os meninos e as meninas que, mais tarde,

tornar-se-iam romancistas de linguagem inspirada na tradição oral, além de contadores de histórias, fazendo-as sobreviver até os dias de hoje.

Assim, a figura do contador de histórias tradicional, representada neste recorte pelos *griots* africanos, através da manutenção de sua cultura, trouxe contribuições para a oralidade e para as literaturas brasileiras, como dito anteriormente, visto que os contos populares, através da cultura oral, perpetuam-se no imaginário de diversas gerações, chegando também à formalização escrita.

Neste sentido, entende-se que o contador contemporâneo, compreendido como "sujeito-contador da atualidade o qual elegeu a expressão 'contador de histórias' para definir uma profissão que começa a tomar corpo" (BUSATTO, 2011, p.9) descende do contador tradicional e, por esse motivo, passou a pesquisar suas tradições, resgatar suas histórias e incorporá-las a seu trabalho em hospitais, bibliotecas e escolas. Assim, encontramos:

> As narrativas orais sempre estiveram ao lado do homem e de suas conquistas dentro da arte de viver, então concordaremos que a arte de narrar faz parte de sua própria história no mundo e traz imbricados os conceitos de ancestralidade e contemporaneidade. Portanto, sempre haverá encantamento quando alguém conta ou canta uma história, seja essa pessoa letrada ou não. A arte narrativa se manifesta tanto no contador tradicional, cujas histórias foram criadas e recriadas ao longo do tempo através da narração de sua experiência e de sua memória, quanto no contador contemporâneo, que se instrumentaliza através da pesquisa, da leitura (BEDRAN, 2011, p.61).

Esse resgate se faz necessário devido ao entendimento da importância da cultura oral e, no Brasil, mais especificamente, da contação de histórias para o desenvolvimento tanto humano quanto social e cultural. No caso do trabalho com crianças, especialmente em escolas, entende-se que o uso dos contos é de fundamental importância não só para o estímulo à criatividade, à imaginação e ao desenvolvimento da linguagem, mas também em sua função artística de questionamento da realidade e de construções diferenciadas de olhares para o mundo. Assim, entende-se que o evento "Conversas sem fim: Contação de histórias – espaços de educação e resistência" se mostrou relevante em suas três linhas de ação, integradas no sentido de desenvolver pesquisa, formação e fruição artística, agregando as intersecções possíveis entre esses três pilares através de diversas ações, quais sejam:

1- Mesa redonda, com a participação de mulheres contadoras de histórias: Andréa Pinheiro, Daniele Santos, Maria Coelho e Tatiana Henrique.

2- Oficinas de Contação de Histórias abertas ao público em geral e mediada pelas contadoras citadas no item anterior.
3- Contação de histórias/vivências em dança, a partir de narrativas populares para alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I.

Neste relato, o foco de observação principal será o item três da listagem acima, que considera diretamente os discentes do Colégio de Aplicação e propõe o diálogo da pesquisa em narrativas orais africanas e brasileiras com a vivência corporal da dança, a partir do estudo e da observação das turmas contempladas por professoras em formação na área de dança, com orientação da professora Daniele Santos, do setor de Artes Cênicas, visto que se trata de um colégio de aplicação dentro da universidade. As professoras em formação eram alunas[2] do curso de Licenciatura em Dança da UFRJ e fizeram estágio regular nas aulas de Artes Cênicas nas turmas de sexto ano do ensino fundamental II durante o ano de 2017.

O trabalho desenvolvido dialoga com a pesquisa de um dos especialistas na área de cultura popular responsável pela reescrita e organização de diversos contos de tradição oral, Ricardo Azevedo, professor em cursos de especialização em Arte-Educação e Literatura. Azevedo escreveu uma série de livros nos quais compila uma variedade de contos populares remanescentes da cultura oral, reescrevendo-os à sua maneira. Dentre seus livros, está "Contos de Bichos do Mato", usado como matéria-prima para o trabalho com contação de histórias e vivências em dança propostas pela professora Daniele Santos em diálogo com licenciandas da área de Dança, cujos objetivos se explicitam a seguir:

- Promover o contato dos alunos do ensino fundamental I com a atividade artística de contação de histórias, através de dois contos populares.
- Estimular a imaginação, a sensibilidade e a motricidade através do contato com linguagens híbridas.
- Estimular vivências corporais coletivas através do uso do conto popular e de seus personagens como indutores do jogo corporal.

O trabalho voltado para os discentes do Colégio de Aplicação da UFRJ se dividiu em algumas etapas específicas.. Primeiramente, as três licenciandas de dança foram orientadas a observar as turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental I para, posteriormente, trocarem suas primeiras impressões. Nesse primeiro momento, a observação, o registro e as reflexões

[2] Júlia Matias, Marília Nogueira e Liege Vasconcellos.

sobre a rotina da turma, suas principais características e as relações entre os discentes foram de fundamental importância para as etapas posteriores.

Em seguida, as professoras em formação leram as histórias do livro "Contos de Bichos do Mato" e desenvolveram, sob orientação, um plano de aula que contemplasse uma das narrativas contidas no livro e fosse adequado às turmas observadas, considerando as demandas específicas da idade. O objetivo do trabalho era que as narrativas fossem utilizadas como inspiração para o plano de aula, sem que este tivesse nenhuma obrigatoriedade em seguir a linearidade da história, por exemplo. Assim, os jogos corporais poderiam contemplar qualquer elemento da narrativa, como ambiente, personagens, ações. Deste modo, foram construídos três planos de aula distintos, a partir de três histórias do livro. Os planos de aula consideravam o primeiro contato das crianças com uma vivência específica em dança, a partir de jogos corporais que uniam os objetivos de explorar os movimentos das diversas partes do corpo humano, ritmo corporal, relações espaciais e uso da voz com referências das histórias do livro, quais sejam, a floresta, os animais e seus corpos e casas. Após essa etapa, debatemos os planos de aula e chegamos a uma versão final que, de certa forma, contemplava as ideias e os objetivos das três licenciandas com seus jogos e parecia o mais adequado ao tempo disponível para o trabalho e às três turmas observadas. Assim, a proposta contemplava diversas experimentações corporais, seguindo uma linha de desenvolvimento que abrigava uma conversa inicial e um relaxamento final como ponto de partida e ponto de chegada, respectivamente, criando uma narrativa própria para a vivência. As crianças eram convidadas a se transformar em bichos no início do trabalho e, somente ao final, voltariam a ser crianças. Essa escolha metodológica proporcionou fluidez ao trabalho, o que estimulou a imaginação dos discentes do início ao fim.

Na construção do plano de aula, também selecionamos as canções que seriam usadas durante toda a vivência proposta, entendendo que esta pode ocorrer sem música, mas que, quando utilizada, deve passar por um processo rigoroso de seleção, considerando seu ritmo, sua atmosfera, e também a narrativa falada, quando ocorre, agregando-se ao repertório musical da criança.

2. Contar, ouvir, correr, dançar

O trabalho com as turmas do Colégio de Aplicação da UFRJ durou cerca de dois meses, levando-se em consideração as observações das turmas, os encontros de orientação e planejamento, e, finalmente, as contações de histórias e a vivência em dança. Esse trabalho foi desenvolvido de forma a possibilitar que nossos objetivos pudessem ser alcançados, ainda que em um curto espaço de tempo de contato com as turmas, visto que a disciplina de Artes Cênicas no Colégio de Aplicação da UFRJ só é oferecida a partir do ciclo II do Ensino Fundamental (6° ano em diante). A disciplina em Dança ainda não é ofertada no Colégio e o trabalho com o ciclo I do Ensino Fundamental foi feito somente durante o evento.

O principal elemento que podemos destacar na proposta é a observação das relações corporais estabelecidas ao longo do processo. Assim, pudemos perceber que corpos a escola abriga e de que maneira a escola os molda. Quanta liberdade existe neste corpo? Quanta expressão a escola "permite"? O que o trabalho com narrativas tem a ver com isso?

Um dos maiores cuidados na preparação do trabalho foi que ele pudesse ter coerência com o público alvo, o que nos trouxe o desejo de instaurar um ambiente lúdico para as atividades e estimular o engajamento corporal dessas crianças desde a saída de sua sala de aula até a chegada ao teatro do colégio, onde seriam realizadas as ações.

O teatro foi ornamentado com passarinhos feitos de origami, uma cortina de barbantes verdes na porta que sugeria que as crianças teriam que entrar agachados para explorar esse ambiente mágico. Pássaros foram espalhados ao longo do percurso da sala de aula do ensino fundamental I até o teatro do colégio e os discentes eram estimulados a seguir o caminho proposto pelas aves. Como professora de Artes pude experimentar um certo assombro ao perceber algum incômodo das professoras das turmas com esses corpos que correm e perseguem os pássaros, que abaixam, levantam, caem, enfim, se expressam e vivenciam. Há uma certa necessidade de extremo controle corporal que, para as Artes, não faz sentido. A Arte propõe outra relação para os corpos, principalmente dentro da escola, e esse era o nosso objetivo, o sentido da experiência, que não poderia existir sem o engajamento corporal. Assim, observa-se:

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas,

> porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2014,p.18)

Há que se cuidar, observar, investir, para que a escola possa ser o lugar da experiência, e o corpo precisa estar presente sem tantas amarras. Não há nada de errado em não andar em filas. O que será que pode acontecer quando uma criança corre?! O vento "batendo" no rosto?! Durante a atividade de contação de histórias, pudemos perceber dois movimentos muito interessantes: a total atenção e o encantamento que as narrativas trazem para as crianças, assim como a grande necessidade que o corpo da criança tem em se expressar. Seja imitando um gesto que eu como contadora de história estava fazendo, seja reagindo às ações da história, mimetizando espontaneamente os personagens.

Na semana seguinte, durante a vivência em dança, esse desejo de expressão pode se libertar de uma forma ainda mais potente, visto que a proposta estimulava o tempo inteiro a interação com o corpo e o coletivo. O eixo temático da aula era a casa dos bichos, e as crianças puderam vivenciar jogos lúdicos que exploravam movimentos nas diferentes partes do corpo, imitaram bichos conforme sua própria ótica, experimentaram ritmos e ações diversas, amparados pela atmosfera lúdica do teatro-floresta. Ao final da vivência, as crianças, nesse momento pássaros, foram estimuladas a deitarem em seus ninhos para o relaxamento final. Aos poucos foram despertadas a acordar como crianças de novo. Uma delas nos revelou que queria continuar sendo pássaro. Pudera, pássaros não andam sempre em fila, podem correr e voar, variar os ritmos, cantar. Pássaros se expressam livremente.

Figura 1 Andando como tartarugas

(SANTOS, 2017)

Figura 2 Deixando as asas e voltando a ser crianças

(SANTOS, 2017)

3. Entrou por uma porta, saiu pela outra...

A observação das ações, o retorno trazido por esta e outras falas dos discentes, nos trouxe, mais uma vez, a consciência da potência que o trabalho artístico tem na escola e a

importância que uma disciplina como a Dança apresenta para a formação dessas crianças desde o ciclo I. Sua falta é gritante, o corpo precisa falar.

Eventos como esse revelam a importância de a escola ser um lugar de potentes diálogos entre os professores pesquisadores ali presentes, articulados em proporcionar vivências que cruzem os mais diversos saberes e expressões, e que proporcionem, aos discentes, a exploração de novos espaços, sejam eles físicos, sejam eles simbólicos.

Além disto, possibilitam diálogos entre a universidade e a cidade, proporcionando novos olhares a partir das trocas com artistas atuantes, professores, atores e demais interessados em um espaço para formação continuada, na qual todos os sujeitos participantes assumem protagonismo nas ações propostas.

Referências

ARROYO, L. **Literatura Infantil Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AZEVEDO, R. **Contos de Bichos do Mato**. Rio de Janeiro: Ática, 2005.

BUSATTO, C. **A arte de Contar Histórias no século XXI:** tradição e ciberespaço. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BEDRAN, B. Impressões de uma contadora de histórias - meu encontro com a arte narrativa. In PRIETO, B. (org.) **Contadores de Histórias**: Um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: s. ed., 2011. p. 59-66.

LARROSA, J. **Tremores**: Escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SANTOS, D. **Andando como tartarugas**. 2017. 01 Fotografia Digital.

SANTOS, D. **Deixando as asas e voltando a ser crianças**. 2017. 01 Fotografia Digital.

Ilustrações em página separada: